

2

A concepção freudiana do afeto

Freud parte da sua experiência com as histéricas para construir uma teoria dos afetos que é, no entanto, desenvolvida em termos metapsicológicos, nos quais o afeto é definido como um representante da pulsão. Conceito central da metapsicologia freudiana – visto que o seu desenvolvimento marca importantes viradas teóricas na obra do criador da psicanálise –, a pulsão é uma força caracterizada como interna e apoiada em funções biológicas, sem que se confunda, contudo, com estas. A centralidade da ideia de pulsão também se refere à articulação que este conceito pretende exprimir entre as instâncias do corpo e da mente. A pulsão tem sua origem no corpo e sua ligação com a esfera psíquica é feita pelos representantes pulsionais: o *afeto* e a *representação*. O afeto é, assim, um representante pulsional, que, ao lado da representação, intermedia o acesso da pulsão à esfera psíquica, já que a primeira tem sua fonte no corpo. Para Freud, o afeto é uma energia, enquanto que a representação é uma ideia.

A separação entre os dois representantes constitui o mecanismo do *recalque*, que, na visão de Freud, seria imprescindível para a constituição do inconsciente como campo separado do resto do psiquismo²⁶. Apesar de ser descrito como uma defesa, o recalque também é apresentado por Freud como um processo psíquico universal. O psicanalista chega a dizer que a teoria do recalque é a “pedra angular sob a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (Freud, 1914a, p. 175). O recalque instaura o inconsciente, mas também podemos entender esse mecanismo como imprescindível a um processo de “humanização” no qual o indivíduo passa a fazer parte de uma dada cultura. Um dos efeitos do recalque é a transformação de “instintos egoístas” em “*sociais*” (Idem). É através do recalque que o homem pode renunciar à satisfação de seus instintos e assim adentrar a civilização. Esta,

²⁶ Segundo Laplanche e Pontalis (2001, pp. 430-4), o recalque primário é descrito por Freud como um “processo hipotético” que se constitui como o “primeiro momento da operação do recalque” e “tem como efeito a formação de um certo número de representações inconscientes ou ‘recalcado originário’”. O recalque propriamente dito ocorre posteriormente, constituindo-se como uma “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão”. Os núcleos inconscientes constituídos pelo recalque originário “colaboram mais tarde no recalque propriamente dito pela atração que exercem sobre os conteúdos a recalcar, conjuntamente com a repulsão proveniente das instâncias superiores”.

na visão de Freud, só pôde ser construída através dessa renúncia; renúncia que é, da mesma maneira, exigida a cada “recém-chegado” (Ibid.).

Assim, vemos que a teoria dos afetos criada por Freud está imbricada nos pressupostos da metapsicologia e nas teorizações acerca da cultura. O criador da psicanálise empreende uma separação entre natureza e cultura com a descrição do mecanismo do recalque, assim como entre razão e paixão, já que o *afeto* – pura energia – pode se separar da *representação*, que dá a ele um sentido dentro de uma cadeia de representantes-representação. Da mesma forma que é preciso renunciar a instintos primitivos para fazer parte de uma civilização, também é preciso transformar os instintos através da ligação destes a representações. Sem essa *passagem*, não há cultura, apenas o caos que, para Freud, constitui a natureza. Diferente de Espinosa, que viveu no apogeu da Modernidade europeia, mas exerceu uma resistência brutal, presente em sua obra, aos valores hegemônicos do cartesianismo, Freud tinha a intenção de que a psicanálise fosse aceita no rol das ciências de sua época, por isso muitas vezes vemos persistir em sua teoria dualismos que são típicos da Modernidade hegemônica e de sua referência à filosofia de Descartes. Nas palavras de Birman:

(...) se Freud insiste novamente em afirmar a cientificidade da psicanálise na abertura da *Metapsicologia* e precisa evocar ainda a posição similar daquela face às demais ciências legitimadas e reconhecidas de então, isso se deve à existência da *contestação* efetiva da cientificidade da psicanálise, no contexto histórico dos anos iniciais do século XX. (BIRMAN, 2009, p. 67)

Neste capítulo, tentaremos acompanhar o pensamento de Freud no que diz respeito aos afetos e às teorias que se ligam a este conceito na obra freudiana. As discussões em torno do recalque, a teoria freudiana das pulsões e a noção de angústia são as linhas principais em que o autor se apoia para discorrer sobre os afetos. Não temos a pretensão de esgotar todas as possibilidades que Freud abre com a construção de sua teoria dos afetos, mas pretendemos apresentar as linhas gerais deste tema ao longo da obra do criador da psicanálise. Para isso, é necessário compreendermos o contexto em que Freud estava inserido, já que este determinou algumas posições importantes do autor em torno destas questões.

Entendemos que o contexto da ciência moderna delimita o pensamento freudiano em relação ao tema dos afetos, pois a separação entre razão e paixão / afetos é uma produção que está na base da concepção moderna de ciência, que se

apoia nos ideais cartesianos para ditar as regras do pensamento científico. Observamos que Freud é um autor que reproduz os embates que estão presentes no centro da problemática moderna e, por isso, muitas vezes se mostra ambíguo em suas concepções em torno do tema dos afetos. Por esse motivo, entendemos que o pensamento freudiano, ao mesmo tempo em que ainda se mostra inserido no contexto conservador da Modernidade, também abre brechas para pensarmos, por exemplo, as conexões entre a dimensão inconsciente da experiência e o âmbito afetivo da mesma.

Embora Freud seja um pensador da virada do século XIX para o século XX e sua obra contenha muitos dos ideais iluministas que representam a vertente hegemônica da Modernidade, seu pensamento não deixa de conter da mesma forma a dimensão conflituosa e ambivalente presente na problemática moderna. Em nossa concepção, a teoria freudiana participa do que Figueiredo – apoiado em Bauman (1999) e Latour (1991) – chama de “produção involuntária da ambigüidade” (Figueiredo, 2008, p.12). Segundo esses autores, a par da busca por categorias “puras”, a produção de aspectos imunes a essas categorizações é igualmente típica da Modernidade. Esta conteria, assim, uma dimensão emancipadora em sua própria vertente reguladora, o que demonstra em parte o fracasso desta vertente, pois o projeto que a envolve inclui o estabelecimento e a permanência de tais identidades. A teoria dos afetos criada por Freud é um dos exemplos de tal ambigüidade, pois se por um lado intenta engendrar uma ruptura entre as dimensões afetiva e representacional da experiência, submetendo-se às categorias da ciência de sua época, também comporta uma indefinição em momentos decisivos, que acaba por abrir espaço para que uma outra forma de pensar possa ser inferida das próprias palavras do psicanalista.

Em outros exemplos, ao mesmo tempo em que faz questão de dotar a sua teoria dos parâmetros da cientificidade moderna em sua vertente conservadora, Freud também questiona esses parâmetros ao introduzir em sua produção uma dimensão criativa. No início de “Os instintos e suas vicissitudes” (1915a, p.137), o autor expõe sua concepção de ciência, descrevendo o método que deve ser adotado no processo científico, porém com algumas ressalvas em relação à exatidão desse processo. De começo, Freud afirma que nenhuma ciência, “nem mesmo a mais exata”, parte de “conceitos claros e bem definidos”. O primeiro passo do método proposto por Freud em seguida é a “descrição do fenômeno”,

passando a seu “agrupamento” e por fim, sua “classificação” e sua “correlação”; contudo, nem a fase da descrição está isenta da interferência do que Freud denomina de “idéias abstratas”. Estas “devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição”. E, embora os conceitos básicos devam ser formulados “com exatidão progressivamente maior”, até chegar o momento de “confiná-los em definições”, “o avanço do conhecimento (...) não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições”.

Ou seja, se Freud por um lado parece querer afirmar ideais científicos como a “clareza”, a “definição” e a “exatidão”, por outro lado introduz uma dimensão híbrida, de indefinição, que não condiz com tais ideais, e a sua teoria dos afetos deixa escapar em alguns momentos a ambiguidade do pensamento do autor. É como se Freud, num tributo à ordem, fizesse entrar pela porta dos fundos o caos, tornando-o fundamental para o exercício científico. A menção que o autor faz à constante alteração do conteúdo dos conceitos na física chama a atenção para o aspecto de construção, portanto de criatividade, que em sua concepção também deve estar presente no exercício científico. Nesta mesma passagem, Freud (1915a) também fala de algumas ideias que parecem ter provindo do material de observação, mas que foram, na verdade, impostas a ele, não por serem “arbitrariamente escolhidas”, mas por “terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos *sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente*” (Freud, 1915a, p. 137, grifo nosso). Esta última afirmação de Freud está bem distante do modelo cartesiano de ciência que representa a vertente conservadora e reguladora da Modernidade. Ao invés de ideias claras e distintas (Descartes, 1989), priorizando a mente em detrimento do corpo, Freud fala de ideias que ocorrem paralelamente a sensações – corporais –, destacando assim a afinidade entre o corpo e a mente em sua conexão com a experiência.

Pode-se dizer que a afirmação de Freud insere as instâncias do corpo, dos afetos e do inconsciente no processo de conhecimento. Mas nota-se também que o criador da psicanálise, em muitos momentos, reproduz a ambiguidade presente no seio de sua época, com tentativas de ordenação que tendem a manter apartadas dimensões como o corpo e a mente, a natureza e a cultura, a razão e os afetos. Um exemplo disso seria a teorização freudiana sobre o recalque, que intenta demonstrar a separação entre afeto e representação, assim como sua concepção do

afeto como uma categoria quantitativa que tem como modelo de referência a angústia. Essa dissociação está presente em vários momentos e pode ser percebida através das referências que faz o autor, de um lado, à clínica e suas descobertas empíricas, e, de outro, ao modelo teórico que pretende construir e que muitas vezes nega as suas próprias experiências com os pacientes. A teoria dos afetos que Freud constrói é um exemplo de tal dissociação, pois, ao mesmo tempo em que o autor ressalta a dimensão inconsciente da experiência e o âmbito afetivo que dela não se separa, também se apoia em certos dualismos abstratos, como afeto e representação, energia e matéria, para construir o edifício teórico da psicanálise nos moldes científicos inspirados pela filosofia cartesiana. Nas palavras de Imbasciati:

A contraposição afeto-representação subentende aquela mais ampla de afeto-cognição: malgrado Freud ter sido o precursor da demolição dessa distinção, radicada na cultura ocidental (pode-se remontar a S. Tomás), ele ainda é portador dela; faz a cognição derivar dos afetos, invertendo a lógica tradicional e reduzindo a primeira aos segundos. (...)

A contraposição afeto-representação é (...) comparável àquela de energia-matéria que dominava a nossa cultura antes da revolução einsteiniana. A energia é um aspecto muito evidente e diferente daquele da inércia da matéria, para que se possa de início pensar que uma ou outra são a mesma coisa. Freud ficou impressionado com a força dos afetos, isto é, com o seu aspecto energético (aqui está o mérito inovador de Freud nas ciências psicológicas) e, por outro lado, alinhado com as concepções da época, supunha que a representação fosse ligada à matéria da fisiologia celular cerebral. A descoberta do enorme alcance da força que a Psicanálise mostrava em relação aos afetos pode ter levado Freud, a meu ver, a assumir sua intensidade ao se manifestar na consciência, como parâmetro único de definição, descrição e explicação, traduzindo-a no conceito quantitativo de carga pulsional. (IMBASCATI, 1998, pp. 178-179)

Como veremos a seguir, Freud associa os afetos à sua teoria das pulsões. O afeto seria, assim, um representante pulsional que tem todas as características de uma quantidade e pode ser separado da representação na operação do recalque, que é fundamental para o processo de subjetivação descrito pelo autor. Tentaremos expor as linhas gerais das teorias que estão em torno da noção de afeto, destacando as suas principais características, para que possamos compreender a importância do âmbito afetivo na teoria do criador da psicanálise. Para tal, teremos que nos apoiar na metapsicologia criada por Freud, já que é neste âmbito que o psicanalista discorre sobre a noção de afeto, através do modelo teórico das pulsões, do recalque e da angústia. A metapsicologia é o domínio

teórico por excelência da psicanálise freudiana. Segundo Birman (2009, p. 28), “a palavra metapsicologia remete ao conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos que Freud começara a conceber para constituir sua leitura do psiquismo”.

2.1.

As primeiras aparições do afeto no texto de Freud

Atualmente muito se fala sobre os afetos em psicanálise; porém, quando nos reportamos a Freud, encontramos elementos desta noção pulverizados ao longo dos textos, sem que se possa identificar uma definição canônica ou uma obra específica que trate do tema. Contudo, o afeto está presente na obra freudiana desde os seus primórdios, quando o *método catártico* era utilizado, principalmente através da hipnose, e uma das noções centrais era a de *ab-reação*. No método catártico, é o afeto traumático que é *ab-reagido*, isto é, descarregado, através de uma catarse que permite ao sujeito exprimir afetos inicialmente reprimidos por estarem ligados a experiências traumáticas. Estas noções estão intimamente ligadas à concepção que Freud, juntamente com Breuer, tinha sobre a origem traumática da histeria. Com Breuer Freud aprende que “o psiquismo não era apenas fundado na linguagem, mas implicava também a circulação de *intensidades*. O aparelho psíquico seria constituído pela articulação entre representações e intensidades” (Birman, 2009, p. 57). Em “Estudos sobre a histeria” (1895b), a tese apresentada é a de que os afetos que não alcançaram as vias apropriadas para a descarga (ab-reação espontânea) ficam retidos (“estrangulados”), convertendo-se assim nos sintomas histéricos, enquanto a lembrança ligada à experiência que provocou o afeto é destacada da consciência²⁷. Esse mecanismo compreende a separação entre o afeto e a representação; para Freud, estes podem se dispersar tendo cada um deles um destino diverso. A ab-

²⁷ Como ainda não se falava em inconsciente, a ideia era a de que as histéricas possuiriam uma dupla consciência que viria à tona nos ataques.

reação secundária²⁸, aliás, acontece através da catarse proporcionada pela (re)ligação entre o afeto estrangulado e a representação que lhe corresponde.

Segundo Laplanche e Pontalis (1982), embora os processos técnicos tenham conhecido uma evolução até o estabelecimento do método da associação livre,

o efeito catártico ligado à ab-reação deixa de ser a mola principal do tratamento. A catarse nem por isso deixa de ser uma das dimensões de toda a psicoterapia analítica (...), [encontrando-se o efeito catártico] nas diversas modalidades da repetição ao longo do tratamento, e singularmente na atualização transferencial. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982, p. 61)

Se admitirmos o papel fundamental da transferência em todo tratamento analítico, perceberemos também a centralidade dos afetos, tanto na teoria como na técnica psicanalíticas. Segundo André Green (1973/1982), o afeto como objeto de estudo não se separa da experiência da transferência em análise. Assim, vamos tentar agora circunscrever algumas das possibilidades levantadas por Freud para a definição do afeto.

Em “As Neuropsicoses de defesa” (1894), Freud trabalha com a noção de *quota de afeto* e trata de sua teoria do *recalcamento*, ou *defesa*. Uma das pressuposições gerais em que esta se baseia é enunciada por Freud no fim do artigo, sendo nomeada posteriormente de teoria do *investimento* (*Besetzung*), considerada por James Strachey (1954) como a mais fundamental das hipóteses freudianas. Diz Freud:

(...) nas funções psíquicas deve ser distinguida alguma coisa – uma carga de afeto ou soma de excitação – que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos de meios para medi-la), capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície de um corpo. (FREUD, 1894, p. 73)

Nessa passagem, Freud não diferencia *carga de afeto* de *soma de excitação*, mas Garcia-Roza (2004b) esclarece algumas das nuances entre os dois termos. Para o autor (2004b, p.236), tanto o termo *carga de afeto* como o termo *soma de excitação* “dizem respeito ao fator quantitativo postulado por Freud em sua hipótese econômica”, mas *soma de excitação* marca a origem da quantidade e

²⁸ Aquela provocada pela psicoterapia catártica e não espontaneamente (Laplanche e Pontalis, 1982, p.1).

carga de afeto diz respeito ao “fator intensivo propriamente dito, capaz de se destacar da representação e encontrar destinos diferentes desta última”.

Segundo Green (1973/1982, p.30), no trecho de “As neuropsicoses de defesa” (1894) Freud delimita com mais precisão a noção de quota de afeto, distinguindo “a quantidade mensurável de direito senão de fato”, a variação da quantidade, o movimento ligado a ela e a descarga. Mas é em outro texto do mesmo ano (Carta 18, para Fliess²⁹) que a noção se completa com a ideia de um destino específico para o afeto conforme a entidade clínica (Green, 1973/1982): “Conheço três mecanismos: transformações do afeto (histeria de conversão), deslocamento do afeto (obsessões) e troca de afeto (neurose de angústia e melancolia)” (Freud, 1894). Aqui a ideia de *transformação* do afeto em sentido amplo é ligada pela primeira vez às concepções anteriores. Nessa transformação, o afeto se distingue da representação e o seu destino passa a não ser mais apenas o da conversão.

No “Projeto para uma psicologia científica”³⁰ (1895), escrito no ano em que foi publicado o texto anterior, Freud fala de uma quantidade (Q) da qual os neurônios se investem, mas que, de acordo com o *princípio de inércia neurônica*, tendem a se desfazer por meio de uma descarga motora tanto mais eficiente quanto mais próxima à soma de excitação provocada pelo estímulo. No entanto, é a diferença entre Q e Qn que leva Freud a concluir que este princípio não pode atuar sem nenhuma limitação no aparelho psíquico. Apesar de tal distinção não ser precisa, já que Freud também fala das duas quantidades indistintamente, o autor parece se referir a Q para designar uma quantidade de excitação ligada à estimulação sensorial externa, e a Qn para designar uma quantidade de excitação de ordem interna (Garcia-Roza, 1988), ou psíquica (Strachey, 1954), que posteriormente Freud entenderá como pulsão. Segundo Garcia-Roza (2004a, p. 143), no “Projeto” (1895), os afetos, assim como os estados de desejo, são resíduos de vivências de satisfação e de dor, sendo “ambos caracterizados por um aumento de tensão no sistema de neurônios ψ ”, produzida, no caso do afeto, pela liberação súbita de Qn, e no caso dos estados de desejo, por somação. O autor (2004a, pp. 143-144) também afirma que *afeto* e *desejo* aparecem no texto de 1895 quase com o mesmo sentido de *soma de excitação*.

²⁹ “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899])”.

³⁰ De agora em diante nos referiremos apenas como “Projeto”.

A estimulação de ordem interna (Qn) não oferece possibilidade de fuga como os estímulos externos, que podem ser desviados; ela só cessa com a realização da ação específica que permite a eliminação dos estímulos (por exemplo, fome-comer). Desse modo, se o princípio de inércia atuasse de forma absoluta, descarregando toda a quantidade de energia do aparelho psíquico, este não teria energia suficiente para realizar as ações específicas necessárias para a eliminação dos estímulos endógenos. O outro princípio, que impede que toda a Q presente no aparelho psíquico seja descarregada, é o *princípio de constância*, responsável pelo acúmulo de uma Q mínima destinada à realização das ações específicas.

Outra distinção se refere ao estado de Q, que pode ser *livre* ou *ligado*. Segundo Strachey (1954), essa distinção ganha importância gradativa no “Projeto”, tendo como seu primeiro indício a análise do mecanismo que aponta as diferenças entre as percepções e as alucinações, assim como do papel, neste mecanismo, da ação inibidora proveniente do ego³¹. A ação inibidora resulta na transformação do estado da Q em fluxo para o estado da Q “estática num neurônio”, e em momento ulterior é também relacionada à distinção entre *processo primário* e *processo secundário* (Strachey, 1954). Para evitar reiteradas decepções em virtude da não diferenciação entre alucinação – investimento excessivamente intenso – e percepção do objeto, o ego controla tal investimento, dando um critério para a presença real do objeto na percepção (Green, 1973/1982).

Garcia-Roza (2004a, p. 92) esclarece que o “investimento [*Besetzung*] consiste, portanto, no fato de a energia psíquica (Qn) estar ligada a um neurônio ou grupo de neurônios, ou a uma representação ou grupo de representações”. Para o autor, em 1894 já estamos diante de um “símil da *Besetzung*”, mas é preciso atentar para o fato de que a assimilação por Freud de “alguma coisa (...) que apresenta todas as características de uma quantidade” (Freud, 1894, p. 73) à *quota de afeto* ou à *soma de excitação*, “faz-nos pensar num fator intensivo mais do que numa quantidade pura” (Garcia-Roza, 2004a, p. 93). Ainda assim, quando o termo *Besetzung* é empregado pela primeira vez por Freud, nos “Estudos sobre a histeria” (1893-1895), “ele o faz de um modo tal que ‘investimento’ e ‘afeto’

³¹ Cf. “Projeto” (1895), Parte I, seções 14 e 15.

praticamente sejam considerados sinônimos; trata-se de um afeto que, ao invés de ser descarregado, fica ligado a uma representação” (Garcia-Roza, 2004a, p. 93).

Strachey (1954) chama atenção para o fato de que a Q propriamente dita não reaparece posteriormente em nenhum texto de Freud, muito embora possa ser reconhecida sob várias cognominações, entre elas a *energia psíquica*, que não aparece no “Projeto”, mas que surge poucos anos depois em “A Interpretação dos Sonhos” (1900). Segundo o mesmo autor, nesse momento o conceito sofre uma *mudança vital*: passa a ser uma *coisa psíquica* ao invés de uma *coisa concreta*, embora a base física não seja abandonada por Freud (Strachey, 1954). Green (1973/1982) não concorda com Strachey nesse ponto. Segundo o psicanalista francês, parece mais provável que a natureza de Q seja uma energia indiferenciada investindo vários sistemas, dentre os quais o sistema ψ .

Na “Interpretação dos sonhos” (1900), Freud descreve algumas das formas de transformação dos afetos nos sonhos. Nestes, conteúdo representativo e estado afetivo dissociam-se de maneira que o primeiro não corresponde ao segundo. No que se refere à relação entre os conteúdos *latente* e *manifesto* do sonho, Freud afirma que, diferentemente dos conteúdos representativos, os afetos *permanecem inalterados*:

A análise nos mostra que o *material de representações* passou por *deslocamentos e substituições*, ao passo que os *afetos permaneceram inalterados*. Não é de admirar que o material de representações que foi modificado pela distorção onírica, já não seja compatível com o afeto, que é retido sem modificação; (FREUD, 1900, p. 492, grifado no original)

Porém, Freud também afirma que há um trabalho redutor dos afetos nos sonhos. Mas se há mecanismos de transformação dos afetos nos sonhos, como podem os afetos permanecer inalterados? Green (1973/1982) lembra que para Freud o “afeto não é modificado em sua qualidade, mas diminuído, inibido” (Green, 1973/1982, p.45). Só que o autor francês também entende que a hipótese de Freud dificilmente condiz com transformações como o deslocamento e a transformação em seu contrário, por exemplo. Segundo Green (1973/1982), “se alguns procedimentos que ultrapassam a simples redução são utilizados é porque ela é insuficiente” (Green, 1973/1982, p.45), o que demonstra a necessidade de um fator qualitativo além do quantitativo na compreensão dos fenômenos psíquicos.

2.2.

Os avatares do afeto e da representação no mecanismo do recalque

Depois de “A Interpretação dos Sonhos” (1900), porém, a questão dos afetos só volta a reaparecer na obra freudiana quinze anos depois, nos artigos metapsicológicos. Contudo, é nesse intervalo que Freud escreve “Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), desenvolvendo a sua primeira teoria pulsional. E, segundo Green, “o afeto na concepção psicanalítica só é compreendido por intermédio do modelo teórico da pulsão” (Green, 1973/1982, p.85). Já, na “Interpretação dos sonhos” (1900), Freud mencionava uma *força que está continuamente em ação*:

As excitações produzidas pelas necessidades internas buscam descarga no movimento, que pode ser descrito como uma ‘modificação interna’ ou uma ‘expressão emocional’. O bebê faminto grita ou dá pontapés, inerte. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza um impacto momentâneo, mas a uma força que está continuamente em ação. (FREUD, 1900, p.594)

Porém, é nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”³² (1905) que o termo *pulsão* aparece pela primeira vez, apesar de, como foi visto na passagem acima, o conceito já vir sendo construído nos textos anteriores. Os “Três ensaios” inauguram a primeira teoria pulsional delineada por Freud, em que às pulsões *sexuais* se opõem às de *autoconservação*, ou *do ego*. Estas últimas só surgem no texto freudiano cinco anos depois (em “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, 1910), mas a noção de apoio da sexualidade em funções orgânicas já está presente em 1905, de forma que é possível dizer que a dualidade – ou o conflito – proposta por Freud está implícita desde essa época. No mesmo texto, Freud também distingue a fonte (*Quelle*), o objeto (*Objekt*) e a finalidade, ou meta (*Ziel*), das pulsões, sendo a primeira sempre somática (ou endossomática), o segundo, variável, e a terceira, a descarga do excesso de tensão, ou satisfação. O caráter variável do objeto, assim como a indeterminação quanto à modalidade de satisfação é o que diferencia a pulsão dos instintos, estes entendidos como comportamentos padronizados que são herdados e

³² A partir de agora nos referiremos a esse texto apenas como “Três Ensaios”.

compartilhados por uma mesma espécie sem variações consideráveis entre os indivíduos, o que inclui as manifestações sexuais³³.

Em 1915, no texto “Os instintos e suas vicissitudes” (1915a), Freud acrescenta mais um componente à pulsão, além dos que foram descritos nos “Três Ensaiois”: a pressão (*Drang*). Esta é entendida como a qualidade de excitação contínua e constante da pulsão, isto é, a medida da exigência de trabalho representada por ela. Nas palavras de Freud:

Um ‘instinto’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (Freud, 1915a, p.72)

A pulsão é, portanto, um conceito que articula mente e corpo no seio da teoria freudiana. Segundo Winograd (2002), a pulsão é uma força simultaneamente somática e anímica, constituindo-se na obra freudiana como o único conceito-limite propriamente dito (*Grenzbegriff*), já que além de estar situado na fronteira também é a própria fronteira, pois “delimita uma determinada região e opera trocas com as regiões vizinhas” (Winograd, 2002, p.51). O termo *Grenzbegriff* (*grenz*: limite, fronteira; *begriff*: conceito), segundo a mesma autora, “foi utilizado para definir uma força de fonte corporal que exige a constituição da alma e é sua mola mestra” (Idem). Apesar de a pulsão ser o único conceito-limite propriamente dito, para Winograd (2002), no que concerne à metapsicologia freudiana, o problema das relações entre corpo e alma não aparece apenas no conceito de pulsão, mas em outros dois conceitos fundamentais: o *afeto* e o *id*.

Quanto ao afeto, é também em 1915 que Freud volta a desenvolver o tema. Segundo Green, é no artigo “Repressão” (1915b) que o afeto reaparece, assim como o termo *representante*. Para o autor, o mecanismo do recalque³⁴ torna a cisão entre representante-representação (ideia) e afeto visível, de forma que permite ao segundo ser considerado isoladamente. Na operação do recalque há um mecanismo de natureza econômica que completa um outro de natureza semântica,

³³ No entanto, ao longo deste trabalho, tanto nos títulos de algumas obras, como nas citações diretas do texto de Freud, a palavra *instinto* aparecerá com o mesmo sentido de pulsão devido à tradução das obras de Freud que utilizamos. Como essa discussão não concerne ao tema central dessa dissertação, não nos estenderemos sobre ela.

³⁴ Nas citações diretas do texto de Freud utilizaremos *repressão* ao invés de *recalque*, de acordo com a tradução das obras de Freud que utilizamos.

sendo que os dois se apoiam mutuamente e se equivalem (Green, 1973/1982). Daí a necessidade de Freud em traçar uma distinção entre representação e *quota de afeto*. Vejamos o trecho de “Repressão” para o qual Green chama a atenção:

Até esse momento, em nosso exame, tratamos da repressão de um representante instintual, entendendo por este último uma idéia, ou grupo de idéias, catexizadas com uma quota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de um instinto. Agora, a observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente consideramos como sendo uma entidade única, de uma vez que essa observação nos indica que, além da idéia, outro elemento representativo do instinto tem de ser levado em consideração, e que esse outro elemento passa por vicissitudes de repressão que podem ser bem diferentes das experimentadas pela idéia. Geralmente, a expressão *quota de afeto* tem sido adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico. Corresponde ao instinto na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos. (FREUD, 1915b, p. 90)

De acordo com Green, a divisão da qual Freud lança mão na passagem acima tem como consequência a reinterpretação de todo o texto. Assim, no que tange ao recalque primário, não se pode dizer que é apenas o representante psíquico (representante-representação) da pulsão que não é assumido no consciente, mas o “*representante psíquico dotado de sua quota determinada de energia psíquica*” (Green, 1973/1982, p. 51, grifo no original). Há uma diferença no destino do afeto (*representante-afeto*) e da representação (*representante-representação*), pois enquanto que a segunda se distancia ou desaparece da consciência, o primeiro tem três possibilidades: “repressão da pulsão”, não só do afeto; expressão de um afeto qualitativamente definido; transposição das energias psíquicas das pulsões para afetos e particularmente para angústia (Green, 1973/1982, p. 52). Green também ressalta que, mais adiante, no mesmo texto, Freud afirma a importância do destino da *quota de afeto* para o sucesso do recalque, já que este tem como finalidade a inibição do afeto de desprazer.

2.3.

Afeto, angústia e sentimentos inconscientes

No capítulo III de “O inconsciente” (1915c), Freud discute a possibilidade de existência de sentimentos inconscientes e se vê diante de questões complexas.

Se primeiro Freud afirma que sentimentos inconscientes não podem existir, pois é preciso que a consciência apreenda-os para que possam ser sentidos, logo em seguida lembra que a psicanálise admite a existência de alguns sentimentos considerados inconscientes, como é o caso do sentimento inconsciente de culpa (Plastino, 2008). Para Imbasciati, Freud (1915c) ressalta que a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica à pulsão. Green (1973/1982) atribui esta afirmação de Freud ao fato de que a pulsão seria um conceito encruzilhada entre o somático e o psíquico. Vejamos o trecho da obra de Freud:

Um instinto nunca pode tornar-se objeto da consciência - só a idéia que o representa pode. Além disso, mesmo no inconsciente, um instinto não pode ser representado de outra forma a não ser por uma idéia. Se o instinto não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo, nada poderemos conhecer sobre ele. Não obstante, quando falamos de um impulso instintual inconsciente ou de um impulso instintual reprimido, a imprecisão da fraseologia é inofensiva. Podemos apenas referir-nos a um impulso instintual cuja representação ideacional é inconsciente, pois nada mais entra em consideração. (FREUD, 1915c, p. 203)

Contrariando o que tinha afirmado no capítulo anterior do mesmo texto, sobre o afeto como modo privilegiado de representação da pulsão e sobre o papel do fator quantitativo do afeto, no início do trecho citado Freud diz que a pulsão só é representada pela representação, mas em seguida afirma a importância do afeto como representante pulsional (“Se o instinto não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo, nada poderemos conhecer sobre ele”). Segundo Green, depreende-se desta última afirmação de Freud que “a moção pulsional, a pulsão, não pode se tornar diretamente objeto da consciência: a representação e o afeto são os mediadores necessários que a tornam consciente para nós” (Green, 1973/1982, p. 54). Adiante, Freud volta à questão do recalque para afirmar que o objetivo específico deste é a repressão do desenvolvimento do afeto. Nas palavras de Green (1973/1982):

O recalque poupa a existência da representação, contanto que ela permaneça inconsciente (ausente, latente, tornada incognoscível pelas deformações e pelas associações etc.); em contrapartida, ele visa a suprimir o fator quantitativo, o investimento energético que deve ser aniquilado tanto quanto possível. No sentido econômico, é o afeto que deve ser tornado inconsciente, no sentido tópico e sistemático, é a representação. (...) Assim, a repressão aparece como um dos procedimentos à disposição do recalque para manter o que deve ser mantido, distanciado da consciência. O afeto reprimido é

tornado inconsciente; a repressão é o *objetivo específico* do recalque. (GREEN, 1973/1982, p. 54)

A diferença entre os representantes ainda é descrita por Freud em relação ao seu estado no inconsciente, continuando o representante-representação (ideia) a existir como estrutura real, diferentemente do representante-afeto, que permanece no inconsciente como um “início potencial impedido de se desenvolver” (Freud, 1915c, p. 204). Enquanto que as representações são investimentos, basicamente de traços de memória, os afetos são “processos de descarga cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (Freud, 1915c, p. 204). Sob um ponto de vista econômico, a ideia é entendida como da ordem do investimento e o afeto da ordem da descarga, mas pode-se considerar que o aspecto quantitativo do afeto se expresse nas sensações de descarga e o aspecto qualitativo nas sensações de prazer e desprazer, apesar de a correlação entre o princípio de prazer e o princípio de constância levar à suposição de que a noção de afeto sempre esteve associada ao desprazer, pois se refere ao acúmulo de energia que visa à descarga. Laplanche (1998) entende que a definição de Freud (1915c)

é mais uma definição da angústia do que do afeto em geral. A angústia é o próprio modelo do que há de mais puramente afetivo no afeto; é a quantidade despreendida da representação e que encontra uma expressão adequada à sua quantidade, ou seja, uma expressão que, em última instância, nada mais é do que a tradução de um fenômeno de descarga quantitativa. (LAPLANCHE, 1998, p. 219)

Para Laplanche e Pontalis (1982, p. 9), nos escritos metapsicológicos o afeto é “definido como a tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional”, tendo Freud distinguido o aspecto subjetivo do afeto dos processos energéticos que o condicionam, deixando para estes o termo *quantum de afeto*. Segundo Green (1973/1982):

Estritamente falando, não existe ‘afeto inconsciente como existem representações inconscientes’. O que não quer dizer que não existem afetos inconscientes, *mas sim que o inconsciente não se dá do mesmo modo para o afeto e para a representação*. Assim, representações e afeto estão vinculados a sistemas diferentes. A representação, ao sistema da memória (do traço), da retenção, da modificação do investimento, da concatenação, da ausência, da virtualidade etc., o afeto, ao sistema da qualidade, da descarga, do esgotamento na não-conservação, da resistência à deformação e à associação, da recusa ou da impossibilidade de se conectar na ligação, da presença, da manifestação etc. (GREEN, 1973/1982, pp. 55-56, grifado no original)

Mas o mesmo autor alerta para que a diferença entre os sistemas não seja entendida radicalmente, pois, se o investimento do traço comporta uma descarga, o afeto também é entendido como produto de uma memória orgânica, tanto antes como depois da metapsicologia (Green, 1973/1982). Para o psicanalista francês, o problema diz respeito a um fator quantitativo, que é ingovernável no afeto, e manejável, “apto a ligar-se e a combinar-se”, no traço. O que se encontra é a oposição entre “um processo que põe em jogo uma combinatória e uma força que lhe resiste e se manifesta descarregando-se no imediato, quando não é amordaçada pela repressão” (Ibid., p. 56).

Através do exemplo do homem dos ratos (Freud, 1909), Green questiona a existência do afeto no inconsciente apenas como rudimento, uma vez que o horror do paciente de Freud se desenvolve com uma força notória quando da evocação dos suplícios. O autor também chama a atenção para o problema das relações entre afeto e inconsciente, isto é, a transformação do afeto em seu contrário, que não é esclarecida por Freud, a não ser pela transformação em angústia (Ibid.). Para Green, era preciso que Freud explicasse a mudança de sinal do afeto como condição de sua manutenção no estado inconsciente. O afeto se opõe ao sistema da representação e da memória (traços mnêmicos) e ao sistema do ato, sendo que em relação ao ato o controle do consciente é certo, enquanto que no que diz respeito à afetividade é mais vulnerável. A entrada do afeto na consciência frequentemente deve estar subordinada à ligação do mesmo afeto com um representante que tomou o lugar do representante ao qual o afeto se ligava na origem, mas é possível uma passagem direta quando o afeto se transforma em angústia. Porém, se o capítulo sobre sentimentos inconscientes termina com essa conclusão, Green atesta que, nos capítulos seguintes do mesmo texto de Freud, “é sublinhada a estreiteza das relações entre representações e afetos” (Ibid., p. 57).

Os artigos de 1915 integram a segunda síntese metapsicológica empreendida por Freud, em que o afeto ainda é entendido apenas como um processo de descarga. Assim como na primeira síntese metapsicológica (capítulo VII de “A interpretação dos sonhos”), nesta segunda tentativa Freud também “adota uma concepção puramente quantitativa dos afetos” (Plastino, 2008, p. 34).

Entretanto, são os impasses de 1915 que levam Freud ao momento teórico conhecido como “virada dos anos 20”, em que encontramos uma grande reformulação de seu pensamento a partir de “Além do princípio de prazer” (1920). Segundo Carlos Alberto Plastino (2008, p.38), na terceira síntese metapsicológica há o “reconhecimento da centralidade da vida emocional para a compreensão dos processos psíquicos”. A noção de *compulsão à repetição* – que aparece pela primeira vez em “Recordar, repetir, elaborar” (1914b) – derruba a crença da regulação automática dos processos psíquicos pelo princípio de prazer, não só por mostrar a existência de processos psíquicos que não seriam regulados pelo mesmo princípio, mas por tornar “evidente que este constituía uma simplificação incapaz de dar conta da complexidade dos processos psíquicos” (Plastino, 2008, p. 38). No entanto, é na terceira síntese que surge o conceito de pulsão de morte, sobre o qual discutiremos as linhas gerais mais adiante.

2.4.

Terceira síntese metapsicológica e segunda tópica: pulsão de morte e modelo estrutural do psiquismo

Segundo Plastino (2008), o movimento teórico inicial de Freud em relação às questões colocadas pela compulsão à repetição é a postulação da hegemonia da pulsão de morte na dinâmica psíquica. Outra questão que se coloca nesse momento é a da ligação, isto é, “qual é o processo através do qual a pulsão de morte é neutralizada, a permanência da vida se torna possível e o princípio de prazer conquista seu papel de regulador automático dos processos psíquicos?” (Plastino, 2008, p. 38). O mesmo autor esclarece que neste momento da obra freudiana a questão é aplicada à pulsão de morte, tendo sido pensada anteriormente através do par princípio de prazer/princípio de realidade, em que “o operador da ligação seria a consideração das exigências da realidade externa, impondo um adiamento da descarga imediata” (Plastino, 2008, pp. 38-39), e através do par processo primário/processo secundário, “no qual a ligação é operada pela introdução da linguagem como código, com suas exigências lógicas” (Idem).

Mas Freud se vê diante de uma questão fundamental que diz respeito à anulação das tensões como meta, tanto do princípio de prazer como da pulsão de morte, e para resolvê-la conclui que, “ao invés de ser o guardião da vida psíquica, o princípio de prazer é súdito da pulsão de morte” (Plastino, 2008, p. 39). Em “O Problema econômico do masoquismo” (1924), porém, Freud “desfaz a assimilação entre o princípio de prazer e a pulsão de morte”, já que entende que a vigência do princípio de prazer se deve à neutralização da pulsão de morte por Eros (Plastino, 2008, p. 40). Mas, segundo Plastino, apesar de o raciocínio desenvolvido em “Além do princípio de prazer” (1920) no sentido da assimilação do princípio do prazer à pulsão de morte ainda ser sustentável no interior da lógica quantitativa de carga e descarga, “Freud o percebe, afirmando que é preciso referir prazer e desprazer não mais apenas a processos de carga e descarga, mas a fatores ‘que só pode qualificar como qualitativos’” (Plastino, 2008, p. 40).

A reformulação da teoria das pulsões, entretanto, acaba por confirmar o lugar do afeto como algo que deve ser dominado, por ser uma força desestabilizadora. Desde o início de sua obra, Freud declara que a excitação pulsional deve ser descarregada, o que depende da ligação do afeto a uma representação. Essa ligação seria um dos objetivos do método psicanalítico aplicado à clínica. A passagem do processo primário para o secundário supõe uma organização do eu que se dá de forma a

domesticar, organizar, humanizar e simbolizar ‘as potências do isso’, ‘as mais indomáveis’, as quais, não ligadas, seriam ‘forças letais’ que põem em risco ‘o mundo humano’. (...) A libido, livre no isso, deveria se organizar como Logos simbólico, cultura, impedindo, assim, que sua potência ecloda como afeto destrutivo, como pulsão de morte. (MARTINS, 2009, p. 245)

A tendência a estabelecer um mínimo de tensão caracteriza a pulsão de morte. É apenas através de um desligamento que é possível obter alívio da tensão acumulada. A repetição faria o papel de dominar previamente a energia que será ligada posteriormente, e, assim, expelida controladamente (Martins, 2009). A pulsão então se define pela repetição de um estado anterior. O que se repete é o afeto, posto que não foi ligado a uma representação e, portanto, não se configura como um processo secundário. Essa concepção nos parece bem diferente, por exemplo, da concepção que Espinosa e Winnicott (como veremos no próximo capítulo) parecem adotar. O afeto, para estes dois autores, é justamente a duração

de um estado afetivo no tempo ou, mais precisamente, a transição que caracteriza o processo vivido entre dois estados. Para Freud, a repetição característica da pulsão instaura uma teleologia, que exprime uma finalidade última de toda vida: a morte; esta “dirige retrospectivamente o curso de cada existência” (Mezan *apud* Martins, 2009, p. 283). O âmbito afetivo é, assim, relacionado à repetição que mantém o sujeito apegado a um passado que, contudo, não existe, posto que imaginado como origem.

Freud fala de um *princípio de inércia* desde o “Projeto”. Nesse momento inicial de sua obra, como atesta Birman, Freud ainda adotava uma “leitura *vitalista* da ordem da vida”, já que “[a] afirmação da vida se identificaria aqui com a busca do prazer e a evitação correlata do desprazer, que se instituiria com a diminuição das intensidades excitatórias” (Birman, 2009, p. 86, grifado no original). A partir de “Além do Princípio do prazer” (1920), entretanto, a oposição entre pulsão de vida e de morte passa a regular a dinâmica pulsional. Nesse momento, segundo Birman, Freud assume uma posição “*mortalista*”, pois, baseado em uma teoria da biologia de sua época, instaura a morte na própria vida, já que conclui que “a vida seria o conjunto de forças que lutaria contra a morte. O que implica dizer que o movimento em direção à morte seria primordial no organismo e que a vida, para se instituir como tal, teria de realizar um combate permanente e insistente contra aquela” (Birman, 2009, p. 87).

Em “O Ego e o Id” (1923), além de elaborar a segunda tópica, que confere precedência ao inconsciente originário (*isso*) sobre o inconsciente recalcado, sendo o primeiro entendido como uma “instância originária indissociável do corpo e capaz de vivências emocionais” (Plastino, 2008, p. 35), Freud retoma algumas questões levantadas em 1915. Green as analisa no que se refere aos afetos, levantando importantes questionamentos concernentes à relação dos afetos com o inconsciente e também com a linguagem. O autor francês mostra como nesse momento da obra freudiana os afetos voltam a ter um relevo bastante semelhante ao dos primeiros tempos, anteriores ao advento da primeira tópica. No texto em questão, Freud associa as percepções – internas ou externas – à consciência. Os processos de pensamento, entretanto, funcionam de maneira diferente das percepções, já que não possuem consciência nem qualidade.

Há uma diferença fundamental entre uma ideia inconsciente e uma pré-consciente, pois enquanto que o Pré-Consciente se conecta às representações de

palavras, o material do Inconsciente permanece desconhecido. As representações de palavra, da mesma forma que as representações de coisa, resultam da percepção sensorial, sendo assim resíduos mnêmicos que podem tornar-se conscientes novamente. Aos processos de pensamento a linguagem conferiu a consciência e, ao mesmo tempo, a possibilidade da memória através da redução ao estado de traço (Green, 1973/1982). Segundo Green, a consequência disso está presente na seguinte passagem de “O Ego e o Id” (1923): “qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas: isto se torna possível mediante os traços mnêmicos” (Freud, 1923, p. 12).

Tornar-se pré-consciente é então conectar as representações de coisa com as representações de palavra, fornecendo vínculos intermediários entre as mesmas. No entanto, o que se dá com as percepções externas não é o mesmo que se dá com as percepções internas, ou sentimentos (Green, 1973/1982). Segundo Freud,

As percepções internas produzem sensações de processo que surgem nos mais diversos, e, também, certamente, nos mais profundos estratos do aparelho mental. Muito pouco se conhece sobre essas sensações e sentimentos; os que pertencem à série prazer-desprazer ainda podem ser considerados como os melhores exemplos deles. São mais primordiais, mais elementares, do que as percepções que surgem externamente, e podem ocorrer mesmo quando a consciência se acha enevoada. Expressei em outro lugar meus pontos de vista sobre sua importância econômica maior e as razões metapsicológicas para isto. Essas sensações são multilocalizadas, como as percepções externas; podem vir simultaneamente de diferentes lugares e terem assim qualidades diferentes ou mesmo opostas. (FREUD, 1923, p. 13)

Para Green, o desprazer age como um impulso recalcado que pode exercer uma força propulsora sem que o Ego seja capaz de perceber a compulsão. Por isso, “parece, portanto, verdadeiro à primeira vista que a transmissão ao sistema Pcpt seja necessária” (Green, 1973/1982, p. 59). Diz Freud:

Permanece verdade, portanto, que também as sensações e os sentimentos só se tornam conscientes atingindo o sistema Pcpt.; se o caminho para a frente é barrado, elas não chegam a existir como sensações, embora o ‘algo’ que lhes corresponde no curso da excitação seja o mesmo que se elas chegassem a existir. Passamos então a falar, de maneira condensada e não inteiramente correta, de ‘sentimentos inconscientes’, mantendo uma analogia com as idéias inconscientes que não é inteiramente justificável. Na realidade, a diferença é que, enquanto que com as idéias *Ics.* devem ser criados vínculos de ligação antes que elas possam ser trazidas para o *Cs.*, com os *sentimentos*, que são transmitidos diretamente, isto não ocorre. Em outras palavras: a

distinção entre *Cs.* e *Pcs.* não tem significado no que concerne a sentimentos; o *Pcs.* aqui é posto de lado - e os sentimentos são ou conscientes ou inconscientes. Mesmo quando estão ligados a representações verbais, tornam-se conscientes, não devido a essa circunstância, mas sim diretamente. (FREUD, 1923, p.14, grifos no original)

A partir das passagens de “O Ego e o Id” (1923), Green tira algumas conclusões importantes. A primeira delas se refere à analogia entre as ideias inconscientes e os afetos, que o autor considera imprópria, já que os afetos têm um estatuto diferenciado no inconsciente. Em seguida Green (1973/1982, p. 60) conclui que é de fato possível falar de afetos inconscientes, “pois, estes o são por uma modalidade que lhes é própria”. O psicanalista também afirma que os vínculos do inconsciente com a linguagem, que valem para as ideias inconscientes, não valem da mesma maneira para os afetos, pois estes, mesmo quando são mediados pela linguagem, não têm a mesma relação que as ideias inconscientes mantêm com ela (Green, 1973/1982, p. 60).

Para Green, a evolução do pensamento de Freud com a substituição da primeira tópica pela segunda e do inconsciente pelo Id, que “parece ir na direção de uma acentuação da parte não representativa do inconsciente” (Green, 1973/1982, p. 60), dá mais um passo na consideração do afeto. Conforme o mesmo autor, o segundo capítulo da obra em questão demonstra que existem diferentes formas de ser inconsciente, assim como diversas formas de aderir à consciência. No que concerne às percepções internas, elas chegam à consciência relegando o pré-consciente, de maneira que o “seu vínculo com a linguagem, quando existe, é, no limite, contingente” (Green, 1973/1982, p. 61). Diz Green:

(...) existir no estado inconsciente e tornar-se consciente – isto é, passar pelo sistema perceptivo – são distintos para o conteúdo e para o afeto. O primeiro deve passar pela linguagem, o segundo pode muito bem relegar esta última. O afeto pode deixar-se dizer pela linguagem, sua essência está fora dela. O que o caracteriza é precisamente esta via direta que liga o inconsciente ao consciente. Pode-se sem dúvida pensar, sem forçar os fatos, que Freud vê nos afetos (principalmente naqueles ligados aos estados de prazer-desprazer) a parte mais arcaica do homem: aquela que a linguagem pode acompanhar, mas que segue seu caminho independente dela. (GREEN, 1973/1982, p. 61)

O autor francês adverte os leitores, contudo, para o mal-entendido que pode decorrer de uma interpretação errônea do texto de Freud, pois o criador da psicanálise, aos olhos de Green, não tem a intenção de opor o intelecto às paixões,

mas de demonstrar como o afeto só é apreendido dentro de uma estrutura (as duas tópicas), de um conflito (oposição de afetos contrários), de uma economia (relações quantitativas e de transformação), e como os estados afetivos estão submetidos ao princípio de prazer-desprazer, que tem conexão com os processos primários, da mesma forma que os processos secundários se ligam ao princípio de realidade (Green, 1973/1982). Green acredita que a discussão geral sobre a relação entre o inconsciente e os afetos se encerra com “O Ego e o Id”. Mas, para o autor, a última elaboração de Freud sobre a teoria do afeto ocorre em 1926, em “Inibições, Sintomas e Ansiedade”.

2.5.

As teorias freudianas da angústia

O artigo de 1926, que trata principalmente da teoria da angústia, é considerado por muitos “a obra-prima do pensamento freudiano em matéria de clínica psicanalítica”, como lembra Green, e por outros, como Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998, p. 383), que não negam as suas qualidades clínicas, como o “livro mais fraco de Freud”. Quanto ao tema da angústia, Laplanche (1998) afirma que o entendimento clássico é de que há em Freud duas teorias. A primeira delas é uma teoria econômica que se estrutura no início da obra freudiana, entre 1895 e 1900, e tem um desenvolvimento posterior em 1917, no capítulo 25 das “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”. Nele, a angústia é uma “energia sexual não-elaborada” que se descarrega desordenadamente, ou é uma libido desligada de suas representações pelo processo de recalque, que se libera e se descarrega na forma de angústia (Laplanche, 1998, p. 42). Na segunda teoria, elaborada em “Inibições, Sintomas e Ansiedade”, a angústia é concebida como reação ou preparação para o perigo; por outro lado, a noção de ego é reenfaticada por Freud na segunda tópica, e nesta teoria da angústia o ego pode ser não só o lugar daquela como a sua causa, ou pode repeti-la como sinal (Laplanche, 1998). A teoria econômica da transformação da libido em angústia é, então, “parcialmente abandonada”, segundo Laplanche (1998, p. 43).

Diferentemente de Laplanche, Green (1973/1982) distingue três períodos essenciais na teorização freudiana sobre a angústia. No primeiro, que vai de 1893

a 1895, Freud prioriza a neurose de angústia e suas relações com a vida sexual. Já, no segundo período, que abrange os anos de 1909 a 1917, Freud trata das relações entre angústia e libido recalcada, e no último, que vai de 1926 a 1932, as relações da angústia com o aparelho psíquico é que são abordadas. Segundo Green, a ideia principal do primeiro período “é que a fonte da angústia não deve ser buscada na esfera psíquica mas na esfera física” (Idem, p. 74). O mecanismo produtor de angústia atua não apenas pela acumulação quantitativa de tensão, mas também por uma modificação qualitativa, pois a tensão física sexual se transforma em angústia. Segundo o psicanalista francês, o mecanismo da neurose de angústia é “simétrico e inverso do da conversão histérica”, sendo aquela a contrapartida somática da histeria.

Para Freud, o fato de o afeto sexual não poder ser formado e a tensão física não poder se ligar psiquicamente é a causa principal da formação da angústia, de forma que esta surge como um substituto somático da representação que falta (Ibid.). Nesse caso, pode-se dizer que a angústia, para Freud, seria o próprio afeto ou o afeto por excelência, visto que o criador da psicanálise o concebe como uma quantidade desprovida de representação. A angústia tem um lugar central na metapsicologia de Freud, visto que é definida a partir do recalque, que, como vimos, é o mecanismo que funda o sujeito freudiano. Causa ou efeito do recalque, a angústia não deixa de ser imprescindível à fundação do sujeito na teoria freudiana. Diferente de Freud, Espinosa e Winnicott não atribuem um lugar central à angústia nos processos de subjetivação que descrevem. Espinosa não chega a definir a angústia na Terceira Parte da “Ética”, quando lista alguns afetos fundamentais (Espinosa, 1677/2008, p. 140). Entretanto, pode-se dizer que certamente o filósofo a entenderia como derivada do medo, que é definido como uma “tristeza instável” (Espinosa, 1677/200, p. 144). Já as *angústias impensáveis* de que fala Winnicott são vivenciadas quando não há um processo de subjetivação em curso, apenas uma cristalização em um padrão reativo/defensivo de relacionamento com o ambiente, como veremos no próximo capítulo.

Segundo Green (1973/1982), embora as primeiras teses de Freud em relação à angústia não possam ser mantidas sem modificações, não seria correto acreditar que Freud renunciou a elas completamente, já que alguns aspectos podem ser encontrados em fases posteriores da teoria freudiana, sendo um deles a “persistência da tese da impossibilidade de uma elaboração psíquica de uma

tensão energética, isto é, afinal de contas, de sua ligação com conteúdos representativos” (Idem, p. 75). Enquanto que no primeiro período da teoria freudiana da angústia o tema principal era a relação da angústia com o corpo, no segundo período Freud trata da relação da angústia com a libido recalçada. A dominância do conflito psíquico toma um lugar central na teoria, de forma que a pesquisa se centra nas relações entre os representantes pulsionais e “a atenção de Freud se dirige para o destino e a transformação dos afetos” (Ibid., p. 76). Assim como no primeiro período de sua teorização sobre a angústia, Freud mantém uma dualidade, que nesse momento se verifica na oposição entre angústia real (diante de um perigo) e angústia neurótica. Enquanto que a angústia real depende das pulsões de autoconservação, já que é consequência da interpretação dos sinais de perigo exterior, a angústia neurótica não tem nenhuma ligação com a autoconservação; como diz Green, “a ameaça vem de outro lugar” (Ibid., p. 76).

A angústia neurótica se manifesta de duas diferentes maneiras: uma *angústia flutuante* que está pronta a ligar-se a qualquer representação e uma *angústia circunscrita ligada a um perigo*. Green distingue as duas manifestações: como a sensação de que “o perigo está em toda parte e a segurança em nenhum lugar”, na angústia flutuante; e de que “o perigo é localizado e a segurança está em todos os outros lugares”, na angústia circunscrita a um perigo. Na primeira, “qualquer manobra de evitação é impotente devido ao investimento do ego pelo afeto”; e, na segunda, por um mecanismo de defesa do ego, a angústia pode ser dominada pela evitação da situação angustiante (Ibid., p. 77). A angústia flutuante é, então, entendida como uma inibição à descarga e nela se encontram a “falta de elaboração psíquica postulada desde 1895 e o papel agravante dos fatores quantitativos” (Ibid., p. 77). Segundo Green, a conclusão continua sendo a mesma, isto é, da inibição da libido surgem processos que são todos de natureza somática. Nas psiconeuroses o mecanismo é diferente, pois os sintomas se produzem para impedir o aparecimento da angústia e a relação com a simbolização se conserva em todos os casos. Para o autor francês, em seu segundo período a teoria da angústia continua mais econômica do que simbólica e a angústia aparece como consequência do recalque, não como causa, como será mais adiante. Na visão de Green (Ibid., p. 79), “a articulação entre as duas formas de angústia ainda está por vir”.

No último período da elaboração freudiana sobre a angústia encontramos as maiores mudanças na teoria, embora Green sustente que é uma mudança relativa. Nesse período também encontramos os últimos apontamentos sobre a teoria do afeto em “Inibição, Sintoma e Ansiedade” (1926). Green afirma que o essencial do que a obra traz de novo sobre o afeto é disposto por Freud na “Conferência XXXII”, de 1933. O autor francês então enumera as principais proposições sustentadas por Freud a partir de 1926:

1. A angústia tem sua sede no ego. Só o ego pode sentir angústia.
2. Não é o recalque que produz angústia, mas a angústia que produz o recalque.
3. A angústia é a evocação pelo ego, em função de uma exigência pulsional nova, de uma situação de perigo antiga.
4. O sinal de desprazer (a angústia) suscita da parte do ego uma reação passiva ou ativa.
5. A energia da exigência pulsional pode sofrer diversos destinos.
6. O ego em sua relação de conjunção e de disjunção com o id está, por um lado, sob a dependência deste último, mas, por outro lado, revela-se menos impotente do que parece pois é apto a utilizar o recalque por desencadeamento do sinal de alarme.
7. A angústia neurótica é causada pelo aparecimento no psiquismo de um estado de grande tensão sentida como desprazer, cuja liberação pela descarga é impossível.
8. A evolução libidinal implica que o perigo a que se está exposto não é o mesmo nas diferentes etapas do desenvolvimento.
9. A angústia é dependente do duplo dispositivo do recalque originário e posterior.
10. Os dois aspectos da angústia, sinal de alarme ou expressão de uma situação traumática, correspondem ao papel desempenhado pelas instâncias. (GREEN, 1973/1982, pp. 80-82)

Para Green, a percepção externa é, em Freud, o eixo que permite compreendermos a passagem da angústia sinal para a angústia automática. A função perceptiva antecipa a ausência da mãe, de forma que a tensão libidinal não se torna excessiva e desorganizadora em demasiado, como quando a criança apenas percebe a ausência da mãe pelos seus efeitos. A “externalização” presente na função perceptiva faz com que a criança encontre “fora os signos anunciadores de um estado de perigo de dentro”, o que atesta a transferência de atividade do id para o ego, isto é, transferência de uma atividade econômica para uma atividade simbólica (Ibid., p. 83). O estado de desamparo (*Hilflosigkeit*) psíquico da criança é uma angústia cuja volta deve ser evitada a qualquer custo; é a partir disso que a função antecipadora se desenvolve. Green descreve o mecanismo:

(...) a perda do objeto gera a dor pela irrupção de uma quantidade não dominável no ego que provoca a angústia de desamparo (*Hilflosigkeit*). Para prevenir dor e angústia de desamparo, a angústia sinal antecipa a catástrofe e ordena ao ego que proceda às operações defensivas suscetíveis de tentar dominar a ameaça desorganizadora. (GREEN, 1973/1982, pp. 83-84)

O autor atesta que todo o desenvolvimento relativo ao afeto nesse momento da obra freudiana prolonga com coerência, desde 1895, a questão do afeto e sua relação com o inconsciente. Na angústia automática, que equivale a uma dor psíquica, o afeto nasce diretamente no id e passa diretamente para o ego como uma força que quebra a barreira da para-excitação. Mas a linguagem falada pelo id é a do afeto não verbalizável, e o ego, na angústia automática, fica sob o efeito de um aniquilamento que o deixa impotente no desamparo (*Hilflosigkeit*) (Idem). Na angústia sinal de alarme, o afeto ativa algumas reações no ego e este consegue filtrar e moderar as energias pulsionais do id que pretendem invadi-lo. O afeto passa pelo Pré-Consciente e “chega ao ego com seu correlato de representações e de traços mnêmicos” (Ibid., p. 84). Nesse caso, o ego, além de lugar da angústia, também é um lugar em que o afeto pode ser trabalhado. Na experiência de transferência será possível então refazer o curso das representações, de forma que o analisando poderá “reviver e repensar a significação da angústia pela tomada de consciência” e apoderar-se dos fragmentos do id antes separados do ego. Segundo Green,

(...) tudo depende da organização do ego perante o poder desorganizador do id. Mas num plano mais fundamental, tudo depende de Eros, da força de ligação que pode, ao nível do id, fazer prevalecer a tendência unificadora das pulsões de vida sobre a tendência desorganizadora das pulsões de destruição. Inversamente, a organização do ego depende de sua diferenciação do id, isto é, de sua relativa separação; esta última está sob a dependência dos fatores de disjunção que são um dos aspectos das pulsões de destruição. (GREEN, 1973/1982, p. 84)

Quando se tende para a conjunção, a separação entre as instâncias se dissolve e o ego fica ameaçado de se fundir totalmente com o id (Green, 1973/1982). Por outro lado, quando se tende demasiadamente para a disjunção, ego e id se separam de tal forma que o primeiro não consegue se apropriar dos fragmentos do segundo (Idem, p. 85). Green ressalta que a ligação – necessária – do afeto com a representação deve ser sublinhada mesmo que pareça tentador dar a primazia aos afetos nos processos descritos. Com o resgate das representações

recalcadas o processo analítico se dá através do trabalho do afeto, da mesma forma que a “dominação dos afetos mais desorganizadores” pode permitir a superação de “fixações mais alienantes” e a “busca do desenvolvimento da libido e do ego” (Ibid., p. 85). O autor então conclui que “a analisabilidade depende estreitamente das relações estruturais entre o id e o ego nas diversas organizações patológicas” (Ibid., p. 85).

2.6.

Considerações finais acerca do afeto em Freud

Para Green, o afeto só pode ser compreendido na concepção psicanalítica a partir do modelo teórico da pulsão, uma vez que é um dos dois componentes de sua representação psíquica. O afeto expressa a parte energética da representação, “dotada de uma quantidade e de uma qualidade”, que está ligada ao representante-representação, mas pode desprender-se deste no inconsciente (Green, 1973/1982, p. 85). Nas palavras do autor,

O afeto é uma quantidade cambiante, acompanhada por uma tonalidade subjetiva. É pela descarga que ele se torna consciente, ou pela resistência à tensão crescente que o caracteriza, seguida pela dissipação dessa resistência. Essa descarga está orientada para o interior, para o corpo em maior parte. Tendo partido do corpo ele retorna ao corpo. (Green, 1973/1982, p. 86)

Para o autor, o vínculo entre representante-representação e representante-afeto é de apelo recíproco, de forma que “a representação desperta o afeto” e “o afeto mobilizado está em busca de representação” (Idem). No entanto, enquanto que a representação “se estende nos sentidos divergentes do fantasma à linguagem, o afeto se desdobra de suas formas mais brutas a seus estados mais matizados”, dependendo esses destinos do trabalho sobre o afeto efetuado pelo ego (Ibid., p. 86). Green alerta para que os afetos não sejam entendidos no sentido de uma maturação progressiva caracterizada por sua dominação, uma vez que essa concepção contrasta tanto com a noção de atemporalidade do inconsciente como com a submissão dos afetos à soberania do princípio de prazer-desprazer. O psicanalista também marca a importância da segunda tópica na substituição do inconsciente concebido como sistema pelo id, em que se acentuam “o ponto de

vista econômico e o papel da tendência da pulsão à descarga” (Ibid., p. 86). Segundo o autor francês, com a segunda tópica o lugar preeminente dos afetos nos processos primários aumenta ainda mais. Quanto à relação entre os afetos e o inconsciente, Green afirma que:

Embora o estatuto inconsciente das representações recalçadas sempre tenha sido mais claramente percebido por Freud do que o dos afetos, não é, no entanto, coerente afirmar que os afetos são necessariamente conscientes. Após exame aprofundado, somos obrigados a postular afetos do id, resultado de uma transformação bruta e violenta da libido descarregada que penetra por efracção no ego, antes que a elaboração tenha podido funcionar em seu plano, e afetos do ego, afetos sobre os quais puderam funcionar as organizações do ego (ligação, dominação, dessexualização etc.). No primeiro caso, o afeto se manifesta essencialmente por um *efeito econômico*, no segundo por um *efeito de simbolização* (afeto-sinal). (GREEN, 1973/1982, pp. 86-87)

Green, por outro lado, ressalta a importância da manutenção de um ponto de vista metapsicológico no que tange à teoria psicanalítica dos afetos, ao invés de um ponto de vista fenomenológico que pretendesse explicar os matizes e graus da vida afetiva. O psicanalista afirma que a firmeza da teoria exige uma focalização e que este núcleo do afeto só pode estar no afeto sexual e agressivo. Para o autor, a teoria psicanalítica conservará sua especificidade se insistir no “papel organizador desses afetos para o inconsciente” e na “diferenciação estrutural das instâncias” (Idem, p. 87).

Já, para Antonio Imbasciati,

O fato de o afeto ser inconsciente não precisa ser explicado por hipóteses pulsionais, mas procede conseqüentemente da atenção à análise descritiva dos fenômenos pelos quais construímos o conceito daquele algo para o qual queremos usar a denominação de “afeto”, e não para uma hipótese explicativa suplementar concernente ao recalque. (IMBASCATI, 1998, p. 176)

O psicanalista italiano, problematizando a teoria freudiana, chama atenção para o fato de que a definição do afeto como processo inconsciente não necessita do conceito de recalque (Idem). Segundo o autor, a referência à *energia* no âmbito da teorização sobre o recalque faz parte da necessidade que tinha Freud de “explicar”, nos termos das ciências biofísicas do seu tempo”, o que “leva o afeto a se constituir como contraposto à representação, como acontecimentos de

‘natureza’ supostamente diferente” (Ibid., p. 177), o que o psicanalista italiano não julga correto afirmar. Essa diferença de natureza de que fala Imbasciati é atribuída por Freud à consciência. Segundo o autor, o fato de que Freud recorra à consciência como “constituente natural do afeto” é, sobretudo, uma “consideração discursiva” que não intenta definir o conceito em termos mais precisos, mas explicá-lo no cerne de sua teoria energética, como “representante psíquico da pulsão” (Ibid., p. 177). Imbasciati então conclui que

O afeto é, portanto, considerado “representante” (*repräsentanz*) pulsional, enquanto crê-se que a “representação” (*vorstellung*), alinhada à concepção da época, seja reprodução automática de realidades externas, e portanto supostamente anódina e fiel, de natureza diversa daquela do afeto, salvo por ser “carregada” de investimento pulsional e, portanto, sujeita ao recalque, ou então consciente, segundo a polaridade da carga pulsional. A preocupação explicativa parece fazer Freud esquecer aquilo que ele próprio descreve no nível clínico sobre o recalque, acerca do fato de serem os afetos suscetíveis de serem advertidos ou, ao contrário, por serem “encapsulados” (*eingehklemmte*) em comportamentos, ações, relações, acontecimentos corporais, sem que haja a possibilidade de sua transformação em um evento psíquico captável pelo sujeito ou pelo menos passível de ser vinculado àquilo que ele sente estar vivendo. Num certo sentido, a teoria de Freud é um corpo estranho sobreposto à sua clínica, já que desta não foi extraída a teoria, diferente, que entretanto implicitamente continha. (IMBASCIATI, 1998, pp. 177-8)

Assim como dissemos no início do capítulo, chegamos ao fim dessa primeira tentativa de levantamento e análise da obra freudiana sem que possamos afirmar a predominância de um entendimento específico de Freud em relação ao estatuto do afeto em sua teoria. Se em alguns momentos Freud destaca o caráter quantitativo dos afetos, em outros faz questão de afirmar o seu caráter subjetivo e, portanto, qualitativo. Quanto à relação dos afetos com o inconsciente, ora Freud nega a possibilidade de existência de afetos inconscientes e em outros momentos admite essa possibilidade, porém tornando obscuro o entendimento do mecanismo ao qual o afeto se subordinaria nesse sentido. As relações entre afeto e representação também são descritas por Freud pelo menos de duas maneiras diferentes ao longo de sua obra. O criador da psicanálise, contudo, parece não chegar a uma conclusão a esse respeito, já que, como diz Green, o afeto ocupa uma situação paradoxal na teoria freudiana, de forma que a “diversidade, o emaranhamento, a complexidade dos problemas parecem tornar qualquer esforço

de unificação teórica se não impossível pelo menos aleatório” (Green, 1973/1982, p. 191), embora o autor também admita que seja preciso tentá-lo.

O lugar do afeto na teoria freudiana também parece ser inseparável da concepção de pulsão³⁵ que se adota, visto que as formulações de Freud sobre esse conceito também deixam margem para diferentes interpretações. Dentre essas, adotamos a concepção da pulsão como limite do psíquico em que a mesma é concebida como uma força simultaneamente somática e psíquica. Sendo assim, entendemos que o afeto, como tradução subjetiva de uma variação quantitativa, também pode ser entendido como um conceito que articula mente e corpo, porém, sem que estes sejam considerados como duas substâncias distintas. Segundo Winograd (2006, p. 5), a “pulsão não é a glândula pineal da psicanálise pois, para Freud, corpo e alma não são substâncias distintas”. Para Octavio Souza (2001), uma das consequências da adoção do conceito de pulsão como limite do psíquico – diferente da tradição lacaniana que entende a pulsão como representante psíquico – é a consideração do papel fundamental do afeto na produção do sentido. Para o autor:

Nessa operação produtiva, a intensidade afetiva da pulsão, ao mesmo tempo que busca inscrição no campo representacional, mantém a pressão de um excesso que desloca o sentido dado, transformando-o em sentido novo. A posição do analista em relação aos afetos é a de lhes propiciar caminho para o relançamento dos sentidos estabelecidos, impedindo que se escoem em circuitos defensivos ou se cristalizem em posições sintomáticas. (SOUZA, 2001, pp. 286-287)

O corpo é assim entendido como “local de intensa atividade, diferenciado do corpo biológico mas em continuidade com ele” (Idem, p. 287). Entretanto, no que concerne à constituição subjetiva, o caráter fundamentalmente econômico da teoria freudiana das pulsões, assim como o seu apoio na concepção clássica da representação, torna “no mínimo obscuro o papel desempenhado pelo outro na constituição do sujeito, induzindo a uma concepção solipsista do início da vida psíquica” (Ibid., p. 288). Na visão do psicanalista italiano Antonio Imbasciati, que propõe uma “aproximação” entre afeto e representação,

(...) a referência ao afeto sublinha justamente aquilo que a psicanálise considerou o ponto de partida de toda a vida psíquica e do desenvolvimento

³⁵ Não nos referimos às teorias pulsionais, mas ao próprio conceito de pulsão.

mental. Mas a teoria psicanalítica tradicional, de origem freudiana, considerou tal desenvolvimento a partir de impulsos internos – as pulsões – e portanto de um “endos” inato, de derivação biológica. A aproximação afeto-representação pretende então operar a ligação entre a posição empirista e a inatista, entre a experiência e tudo o que foi considerado endógeno, procurando principalmente na primeira a origem que foi atribuída ao segundo.

Essa busca na experiência daquilo que a psicanálise explicou em termos inatísticos, leva inevitavelmente a uma revisão da teoria psicanalítica tradicional, de origem freudiana, e não só da contraposição que Freud atribuiu à representação a propósito do afeto, mas também de toda a teoria freudiana, que tende a explicar o desenvolvimento do homem mais com base na economia dos seus instintos do que em função das suas relações com o mundo. (IMBASCIATI, 1998, p. 8)

Acreditamos, entretanto, que, se encontramos na literatura psicanalítica pós-freudiana formulações que destacam o papel dos afetos e da alteridade na constituição do sujeito, também é porque a dimensão expressiva da teoria criada por Freud incita isso a partir das questões teóricas e clínicas que faz reverberar. Sem dúvida a teoria dos afetos que encontramos em Freud levanta questões sobre a clínica contemporânea e sobre as diversas patologias em que a dimensão afetiva da experiência se encontra comprometida.

Assim, esperamos ter contribuído para essa discussão no sentido de destacar alguns elementos da concepção freudiana dos afetos que possam participar desse debate a partir de um entendimento que atribua às dimensões do afeto e da representação uma relação necessária e, como diz Green (1973/1982, p. 86), “de apelo recíproco”, já que, segundo o mesmo autor, “O afeto é a carne do significante e o significante da carne” (Idem, p. 292). Essa concepção, embora não seja a única que o texto de Freud pode suscitar, é a que acreditamos estar mais de acordo com a contemporaneidade, no sentido de fugir aos dualismos típicos da Modernidade hegemônica referentes à natureza e à cultura, à alma e ao corpo, à linguagem e à energia, e todos os que destes decorrem. Sendo assim, juntamente com Figueiredo (2008), ressaltamos a importância dos afetos na produção do sentido, trazendo à tona o que Green (1973/1982) denomina de *discurso vivo*, sendo este um discurso que não se separa da dimensão afetiva que lhe é intrínseca, pois a linguagem não é entendida somente como uma operação intelectual. Nesse sentido, também podemos ressaltar a importância da filosofia de Espinosa, não só pela noção de afeto que adota, em que todo afeto supõe uma afecção, mas pela

importância da alteridade e do intercâmbio afetivo no seu entendimento da constituição de subjetividade.

No próximo capítulo trataremos do tema dos afetos e da sensorialidade no pensamento de D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista pós-freudiano, que constrói uma teoria do desenvolvimento emocional infantil, de base psicanalítica, mas que no entanto ressalta a importância da experiência, a transicionalidade inerente à afetividade e as relações objetais. Apesar de se inserir no campo da psicanálise, Winnicott é um autor que propõe uma teoria – e uma clínica – que não se restringe à metapsicologia, mas se volta para a descrição dos processos afetivos e relacionais inerentes ao desenvolvimento emocional. A obra deste autor dialoga com o pensamento de Freud, porém, não adere completamente a alguns pressupostos da teoria freudiana, como é o caso da divergência entre os autores acerca da pulsão de morte, que não se encontra entre as premissas de Winnicott. Não há, no pensamento desse autor, uma preocupação em torno da construção de uma teoria científica própria à psicanálise, embora possamos dizer que ele dialogue com uma série de conceitos psicanalíticos e também do campo da filosofia. No entanto, essas referências são utilizadas pelo autor como elementos para a sua criação prática e teórica, não como entraves à construção de uma clínica que, pela característica mesma de seu funcionamento, não poderia pretender se adequar a uma teoria pré-estabelecida, mas sim deveria servir como substrato para uma posterior construção teórica.

A visão apresentada por Winnicott sobre os processos de subjetivação supõe uma relação originária com o ambiente a propósito da experiência vivida no encontro afetivo do indivíduo com os outros corpos. Através de sua teorização sobre o desenvolvimento emocional infantil, o autor inglês cria conceitos caros à prática psicanalítica contemporânea, pois que se ajustam aos moldes de uma clínica disposta a rever seus pressupostos de acordo com o momento histórico em que vivemos. Nesse sentido, ao invés de falar de representantes pulsionais, Winnicott prioriza os aspectos afetivos do processo de subjetivação, entendendo-os como inerentemente relacionais. Isso significa que, para o autor, é possível pensar uma dimensão interna da experiência ao mesmo tempo em que uma dimensão externa pode ser criada. Na teoria de Winnicott o paradoxo entre “internalidade” e “externalidade” não supõe uma resolução em detrimento de nenhum dos dois âmbitos. O espaço paradoxal em que convivem o indivíduo e

aquilo que o cerca é o que interessa ao psicanalista inglês. O afeto é, assim, uma transição que se dá neste espaço criado pela própria relação entre o indivíduo e os demais objetos, sensações e signos que compõem sua experiência, não por um ou outro polo que compõe esta relação. Dessa forma, Winnicott não supõe uma separação, por exemplo, entre sujeito e cultura, conforme veremos em seguida, mas uma continuidade entre eles, já que indivíduo e ambiente não podem ser afastados de nenhuma maneira. Estão, sim, em constante inter-relação e é esta característica que define o viver criativo e saudável. É por uma dinâmica afetiva, que se dá em um espaço potencial, que o pediatra e psicanalista inglês descreve os processos de subjetivação e a gênese da vida social.